



revista cristã
última chamada

A Pessoa Encarnada

Por Que Sou
Meu Corpo,
e Não Apenas
Minha Alma



Gregg Allisson

O Fim dos Tempos como você nunca ouviu falar!



- ▶ Arrebatamento
- ▶ Fim do mundo
- ▶ Guerras
- ▶ Grande Tribulação
- ▶ Milênio
- ▶ Preterismo
- ▶ Pós-milenismo



**www.
revistacrista
.org**

A Pessoa Encarnada

Por Que Sou
Meu Corpo,
e Não Apenas
Minha Alma

Gregg Allisson

Tradução e adaptação textual por
César Francisco Raymundo



revista cristã
última chamada

Patrocine esta obra!

Colabore com este trabalho que visa reformar o verdadeiro ensinamento sobre a Escatologia (ou fim dos tempos), o qual foi tão suprimido nos últimos séculos. Acima de tudo pedimos que nos ajude com as suas orações, para que possamos continuar a ter vigor para continuar e resistir os desafios de cada dia.

Se você pretende patrocinar esta revista, saiba, nós não prometemos as bênçãos de Deus para você, mas garantimos que você estará abençoando outros que precisam ter nossas literaturas gratuitamente.

Doe via depósito bancário

Banco: Caixa Econômica Federal

Em favor de: César Francisco Raymundo

Agência: 3298

Operação: 013

Conta: 00028081-1

Usufrua gratuitamente do site

Temos perto de mil arquivos de artigos, vídeos e mensagens sobre escatologia em geral. Todos eles divididos em ordem alfabética.

www.revistacrista.org

Contato:

ultimachamada@bol.com.br

contato@revistacrista.org

A Pessoa Encarnada

*Por Que Sou Meu Corpo,
e Não Apenas Minha Alma*

Autor: Gregg Allisson

Capa: César Francisco Raymundo
(Imagem de KANHA TOR por Pixabay.com)

Revista Cristã Última Chamada publicada
com a devida autorização e com todos os
direitos reservados no Escritório de Direitos
Autorais da Biblioteca Nacional do Rio de
Janeiro sob nº 236.908.

É proibida a distribuição deste material para fins comerciais.
É permitida a reprodução desde que seja distribuído gratuitamente.

Editor
César Francisco Raymundo

E-mail: ultimachamada@bol.com.br
Site: www.revistacrista.org

Porto Belo – Santa Catarina

Novembro de 2025

Índice

Sobre o autor	07
Apresentação	
Nota de Gentry	08
Introdução	09
Visão de Farris: A alma tem prioridade sobre o corpo	10
Problemas com a visão de Farris	13
Minha visão: Seres humanos como "pessoas encarnadas"	15
Conclusão	
Implicações práticas	21
Obras importantes para pesquisa...	23

Sobre o autor



Gregg Allisson é professor de teologia cristã no Seminário Teológico Batista do Sul. É secretário da Sociedade Teológica Evangélica e consultor teológico da Harbor Network e da Upstream Sending. É autor de cinco obras principais: Teologia Histórica: Uma Introdução à Doutrina Cristã (Zondervan, 2011), Peregrinos e Estrangeiros: A Doutrina da Igreja (Crossway, 2012), Teologia e Prática Católica Romana: Uma Avaliação Evangélica (Crossway, 2014), 50 Verdades Essenciais da Fé Cristã: Um Guia para Compreender e Ensinar Teologia (Baker, 2018) e, em coautoria com Andreas Köstenberger, O Espírito Santo (B&H Academic, 2020). Ele e sua esposa, Nora, moram em Louisville, Kentucky, onde frequentam a Igreja Sojourn Carlisle. Têm três filhos adultos e 11 netos.

É também colaborador no site Christ Over All: <https://christoverall.com/>

Apresentação

Nota de Gentry¹

Este artigo² “trata-se de um estudo útil sobre antropologia cristã e a importância do corpo material na definição da vida humana e no combate ao neognosticismo do hiperpreterismo.³

Allison é professor de teologia cristã no Seminário Teológico Batista do Sul e secretário da Sociedade Teológica Evangélica”.

¹ THE EMBODIED PERSON. Site:

<https://postmillennialworldview.com/2025/11/18/the-embodied-person/> Acessado dia 19/11/2025

² The Embodied Person: Why I Am My Body, Not Just My Soul. Gregg Allisson. Site: <https://christoverall.com/article/concise/the-embodied-person-why-i-am-my-body-not-just-my-soul/> Acessado dia 19/11/2025

³ Neognosticismo: versão moderna do gnosticismo, focada em conhecimento espiritual “oculto”. Hiperpreterismo: ideia de que “todas” as profecias bíblicas já se cumpriram no século I.

Introdução

A antropologia teológica concentra-se na doutrina da humanidade e explora temas como a natureza e a origem dos seres humanos e a imagem de Deus. Historicamente, muita discussão tem sido dedicada à alma, ou ao aspecto imaterial da natureza humana, com pouca ou nenhuma atenção dada ao corpo, ou ao aspecto material.⁴ Este ensaio propõe que o estado adequado dos seres humanos é a corporeidade e busca retificar algumas das negligências históricas e (mesmo) contemporâneas em relação à corporeidade. Para desenvolver essa tese — que chamarei de visão da “pessoa corporificada” —, utilizarei uma interação próxima com o teólogo contemporâneo Joshua Farris e sua excelente obra *Uma Introdução à Antropologia Teológica*.⁵ Ambos sustentamos que os seres humanos são compostos de alma e corpo, mas enfatizamos diferentes aspectos dessa constituição humana dualista: Farris, o imaterial; eu, o material.

⁴ Essa negligência se deve em grande parte ao impacto devastador do gnosticismo na teologia cristã.

⁵ Joshua R. Farris, *Uma Introdução à Antropologia Teológica: Humanos, Tanto Criaturas Quanto Divinos* (Grand Rapids: Baker Academic, 2020)

Visão de Farris: A alma tem prioridade sobre o corpo

Por diversas razões, Farris defende uma forma de dualismo que prioriza a alma.⁶ Ao discutir a questão “O que sou eu?”, Farris articula uma visão da natureza humana que, em sua essência, é uma substância imaterial.⁷ Em apoio a essa visão, ele cita a descrição da morte feita por Salomão — “o pó volta à terra de onde veio, e o espírito [ruah] volta a Deus, que o deu” (Eclesiastes 12:7) — e observa que a descrição “pressupõe o entendimento de que os humanos são compostos de alma e corpo”. Ele entende que o “pó” se refere ao corpo, considera que o “espírito” ou “sopro” [ruah] se refere à “vida que é dada... ao corpo para torná-lo vivo” e identifica o “sopro” com a alma.⁸

⁶ Por exemplo, ele recorre ao argumento da simplicidade de Stewart Goetz, “Dualismo Modal: Uma Crítica”, em Kevin Corcoran, ed., *Alma, Corpo e Sobrevivência: Ensaio sobre a Metafísica das Pessoas Humanas* (Ithaca, NY: Cornell University Press, 2001), 89-104. Farris reforça seu ponto de vista apelando para a “compreensão de senso comum dos seres humanos”: “almas (ou espíritos imateriais) parecem ser a crença comum” entre todas as pessoas em todos os lugares. [...] “Temos a tendência de acreditar que somos distintos de nossos corpos [...] de acreditar em algo como uma alma antes de qualquer instrução, e esse tem sido o caso ao longo da maior parte da história para a maioria das pessoas na maior parte do mundo” (Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 21).

⁷ Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 20.

⁸ Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 20. Concorro com seus dois primeiros pontos (pó = corpo, espírito/sopro = o princípio vivificante), mas discordo de sua identificação do sopro com a alma. Se todos os seres vivos possuem o sopro da vida

Farris continua apresentando outros argumentos bíblicos em apoio à prioridade da alma em sua versão do dualismo. Ele recorre a passagens bíblicas nas quais se afirma que a alma ou o espírito realiza alguma ação, o que o leva a concluir que a alma ou o espírito, que é de alguma forma distinto do corpo, é o aspecto essencial da existência humana. Por exemplo:

Lucas 1:46: Maria disse: “A minha alma engrandece ao Senhor, e o meu espírito se alegra em Deus, meu Salvador.” Farris explica que Maria “está se referindo ao todo (no sentido de um merismo: referindo-se ao todo através de suas partes), mas parece estar se referindo ao sujeito de suas próprias ações, não redutível às partes que a compõem e não capturado pela totalidade das partes que ela possui. Em vez disso, ela está se referindo a um sujeito que tem desejos, emoções, pensamentos, inclinações, estados volitivos e coisas semelhantes. Ela não é nem o seu corpo nem as partes do seu corpo. Ela é, possivelmente, algo diferente do seu corpo, ou pelo menos algo superior ao corpo que habita”.⁹

Salmo 42:11 : Por que você está abatida, ó minha alma, e por que está perturbada dentro de mim? Espere em Deus, pois ainda o louvarei, a ele, minha salvação e meu Deus.” Farris comenta: “O salmista pressupõe alguma distinção entre o eu ou a alma e o corpo. O salmista não reflete sobre o corpo ou as partes do corpo, nem fala diretamente a ele, como se pudessem responder. Em vez disso, ele se comunica com sua alma ou eu, numa tentativa de provocar alguma mudança causal nos estados emocionais que está vivenciando”.¹⁰

Ele acrescenta duas outras passagens bíblicas que usam a palavra “espírito” (pneuma):

(Gênesis 1:30; 7:22), então todos os seres vivos (por exemplo, cães e girafas) têm alma?

⁹ Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 22-23.

¹⁰ Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 23.

Lucas 23:46 (Jesus clamando e citando o Salmo 31:5): “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”.

Atos 7:59 (Estevão clamando): “Senhor Jesus, recebe o meu espírito”.

Farris conclui: “Conceitualmente, estas e outras passagens do Novo Testamento apontam-nos na direção da persistência pessoal após a morte somática [isto é, corporal]”.¹¹

¹¹ Farris, Introdução à Antropologia Teológica , 23.

Problemas com a visão de Farris

As passagens citadas por Farris, no entanto, podem ser facilmente interpretadas em primeira pessoa, de modo que esses versículos não sustentariam a prioridade da alma sobre o corpo. Aliás, se a alma/espírito nesses textos for entendida como o sujeito que age, então essas passagens se encaixam melhor em uma visão de pessoa encarnada:

Lucas 1:46-47: Maria disse: "Eu glorifico o Senhor e me alegro em Deus, meu Salvador". Esta versão é certamente menos poética, mas é metafisicamente verdadeira se Maria for o sujeito ativo em todas as suas ofertas de louvor a Deus (veja a discussão posterior).

Lucas 23:46 (Jesus clamando): "Pai, entrego a minha vida em tuas mãos." Esta versão claramente não é uma citação do Salmo 31:5, mas é metafisicamente verdadeira se Jesus for o sujeito que age em todas as suas ações de obediência dirigidas ao Pai (veja a discussão posterior).

Quanto à interpretação de Farris de que essas passagens "apontam para a persistência pessoal após a morte somática", de fato, elas expressam esperança na existência pós-morte.¹² Mas essa existência é a de uma alma ou espírito, ou é a existência de uma pessoa desencarnada? Voltarei a essa questão.

¹² 9. Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 23.

Especificamente, se alguém analisar as passagens bíblicas dessa maneira, dando grande importância à palavra "alma" ou "espírito" como aquilo que continua após a morte, o que se deve pensar das seguintes afirmações?

Filipenses 1:21-24 : “Porque para mim o viver é Cristo, e o morrer é lucro. Mas, se o viver na carne significa trabalho frutífero para mim; e não sei o que escolher, porque estou pressionado pelos dois lados. Desejo partir e estar com Cristo, o que é incomparavelmente melhor; porém, permanecer na carne é mais necessário por causa de vós”. Para o cristão, morrer e estar com Cristo é lucro e é incomparavelmente melhor do que continuar nesta existência terrena, mas Paulo usa a primeira pessoa do singular (“eu”) e não as palavras “alma” (“morrer é lucro para a minha alma”) ou “espírito” (“o meu desejo é que o meu espírito parta e esteja com Cristo”).

2ª Coríntios 5:6-8: “Por isso, estamos sempre confiantes, sabendo que, enquanto estamos no corpo, estamos ausentes do Senhor, pois vivemos por fé e não por vista. Sim, estamos confiantes e preferimos estar ausentes do corpo e presentes com o Senhor”. O cristão prefere estar ausente do corpo e estar com o Senhor, mas Paulo usa a primeira pessoa do plural (“nós”) e não as palavras “alma” ou “espírito” (“nossa alma/espírito prefere estar ausente do corpo e presente com o Senhor”).

Assim, a variante de dualismo de Farris dá prioridade à alma humana como o principal constituinte da natureza humana, mas não se trata de uma posição infalível.

Minha visão: Seres humanos como “pessoas encarnadas”

Ao contrário de Farris, proponho uma visão de “pessoa encarnada” fundamentada na tese de que o estado próprio da existência humana é a encarnação. Posso dizer que “eu sou meu corpo”, porque dependo da minha composição corporal para a minha própria existência entre a concepção e a morte. Não posso dizer “eu sou apenas meu corpo” ou “eu sou idêntico ao meu corpo”.¹³ Além disso, minha visão de “pessoa encarnada” sustenta que, durante esta existência terrena, tenho uma experiência básica e direta de mim mesmo como uma pessoa encarnada. Acredito que “eu sou meu corpo” da seguinte maneira:

A forma como me sinto em relação à minha corporeidade condiciona significativamente a forma como me sinto em relação ao mundo.¹⁴

Eu sou quem sou principalmente em virtude do fato de ter o corpo que tenho.¹⁵

¹³ 10. A afirmação não é “Eu sou apenas o meu corpo” (espero que todos discordemos dessa afirmação), nem é “Eu sou idêntico ao meu corpo” (o que a visão constitucional da natureza humana nega corretamente). Não afirmo o fisicalismo (reduutivo ou não reduutivo), nem a tese da identidade entre o eu e o meu corpo. Ambas as visões têm seus problemas.

¹⁴ James B. Nelson, *Teologia do Corpo* (Louisville, KY: Westminster/John Knox Press, 1992).

¹⁵ 12. Justin EH Smith, “Introdução”, em *Incorporação: Uma História*, ed. Justin EH Smith (Oxford: Oxford University Press, 2017), 2.

Se eu tivesse um corpo diferente — digamos, o do meu cônjuge ou o do meu melhor amigo — eu seria uma pessoa completamente diferente.

Sem este corpo eu não existo, e eu sou eu mesmo como meu corpo.¹⁶

Além disso, intuo que todas as outras pessoas que já existiram, existem agora e existirão são pessoas encarnadas, percebem-se como pessoas encarnadas e podem refletir sobre o que significa ser uma pessoa encarnada. Finalmente, e fundamentalmente, acredito que são as pessoas, e não as naturezas, que agem, tomam decisões, creem, se rebelam e muito mais. As almas não adoram; as pessoas sim (Lucas 1:46: Maria é o sujeito ativo em todas as suas ofertas de louvor a Deus). Os espíritos não exercem vontade, as pessoas sim (Lucas 23:46: Jesus é o sujeito ativo em todas as suas ações de obediência dirigidas ao Pai). Essa convicção me coloca em desacordo com a priorização, por Farris, do aspecto imaterial dos seres humanos, uma visão que sustenta que as almas esperam e os espíritos obedecem. Da minha perspectiva, as pessoas cristãs esperam no Senhor e obedecem à sua Palavra.¹⁷

¹⁶ Vladimir Iljine, citado sem detalhes bibliográficos em Elisabeth Moltmann-Wendel, *Eu Sou Meu Corpo: Uma Teologia da Corporeidade*, trad. John Bowden (Nova York: Continuum, 1995), 2. Para uma discussão mais aprofundada, ver Gregg R. Allison, *Corporificado: Vivendo como Pessoas Inteiras em um Mundo Fragmentado* (Grand Rapids: Baker, 2021), cap. 1.

¹⁷ 14. Para ser justo, Farris chega perto de afirmar um papel constitutivo para o corpo humano (na citação a seguir, pode-se substituir “almas” por “mentes” e “corpos” por “cérebros”): “as mentes humanas são, de alguma forma, funcionalmente (em um sentido forte) dependentes de seus cérebros. [...] De fato, nossa experiência mental é severamente afetada por nossos corpos e cérebros. [...] [Por exemplo,] quando sofremos um golpe na cabeça, há um efeito óbvio em nosso estado de consciência” (Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 62). Diante das descobertas da neurociência, um argumento muito mais forte pode ser feito em favor do papel constitutivo do corpo do que aquele que apela para lesões cerebrais traumáticas e se concentra, em vez disso, no fato bioneurológico de que as mentes/eventos mentais humanos estão intimamente ligados aos corpos/cérebros.

Retornando, então, à questão da persistência pessoal após a morte somática/existência pós-morte, ofereço duas alternativas:

Esta existência terrena não é tudo o que existe, mas a vida humana se estende para além da sepultura/morte e existe uma alma (aspecto imaterial, espírito) que persiste após a morte e é imortal.¹⁸

Afirmo (1) que a vida humana se estende além da sepultura/após a morte, não como almas imortais, mas como pessoas desencarnadas que aguardam o retorno de Jesus Cristo e o consequente retorno à plena existência humana/redenção completa que consiste na reencarnação, isto é, na ressurreição do corpo. As almas não adoram o Senhor e descansam de seus trabalhos no estado intermediário. As almas não adoram nem descansam; as pessoas sim, ou, neste caso, as pessoas desencarnadas adoram e descansam.

Novamente, essa visão de “pessoa encarnada” se fundamenta na tese de que o estado adequado da existência humana é a encarnação. Como experimento mental, ofereço algumas considerações temporais. Um ser humano viverá algo como:

82 anos de existência pessoal encarnada, que começa no nascimento e termina na morte, momento em que eu, como pessoa encarnada, deixo de existir na existência terrena.

500 anos de existência pessoal desencarnada, que começa na morte, persiste no estado intermediário e termina no retorno de

¹⁸ Esta opção pode ser fundamentada na visão filosófica da imortalidade da alma (uma posição histórica bem estabelecida, expressa, por exemplo, por Platão no Fédon), ou (de uma perspectiva mais contemporânea), no postulado kantiano da razão prática pura: baseado na obrigação do aperfeiçoamento de si mesmo — a obrigação de se tornar moralmente perfeito — a crença na imortalidade da alma é um postulado necessário.

Jesus Cristo (isto não é uma profecia!) e no evento concomitante de reencarnação, a ressurreição do corpo.¹⁹

Uma eternidade de anos de existência pessoal encarnada/ressuscitada, que começa com o retorno de Jesus Cristo e o evento concomitante de reencarnação (a ressurreição do próprio corpo) e nunca termina.

O estado adequado da existência humana é a encarnação, uma posição determinada pelas Escrituras (Gênesis 1:26-28) e pela experiência pessoal/humana, e confirmada pela ressurreição do corpo. Se minha experiência pessoal/humana me leva a crer que sou primariamente uma alma ou a me apegar à ideia filosófica da imortalidade da alma, essa ideia é corrigida pelas Escrituras, que insistem que a existência encarnada é o estado adequado e a reencarnação é a verdadeira esperança e o propósito final dos seres humanos. Para esclarecer, a ideia de que existe uma alma (aspecto imaterial, espírito) que persiste após a morte e que é imortal é aceitável como uma simplificação de senso comum da verdade de que os humanos existirão em um estado desencarnado, mas não chega a articular plenamente a verdade bíblica da existência encarnada eterna.²⁰

¹⁹ Outro fundamento importante da minha visão de “pessoa encarnada” é a condição dos cristãos no estado intermediário: “É importante ressaltar que esse estado de desencarnação é anormal para seres humanos criados como portadores da imagem de Deus, encarnados. Essa desencarnação é tão aberrante que Paulo se horroriza ao pensar em tal existência... (2 Coríntios 5:1-4). Usando as metáforas da nudez e do despojamento, Paulo enfatiza o quão errada é a desencarnação humana” (Allison, *Embodied*, 248). Portanto, determinar a “verdadeira essência” da existência humana apelando para a condição imaterial dos humanos no estado intermediário é um equívoco. Para uma discussão mais aprofundada, veja Allison, *Embodied*, 247-49.

²⁰ O que é, então, a alma em meu contexto? Em certo sentido, no estado intermediário, a alma é aquele aspecto da natureza humana que persiste como a pessoa desencarnada, que obviamente carece do outro aspecto da natureza humana, isto é, o corpo. Assim, a alma é aquela substância que possui poderes e capacidades distintos de uma substância material e que é capaz de persistir (por meio da

Em contrapartida, Farris afirma: “Naturalmente, tendemos a acreditar que somos distintos dos nossos corpos”.²¹ Ele apoia essa inclinação da seguinte forma:

Quando uma pessoa reflete sobre suas mãos ou pés, ela naturalmente distingue o eu de suas mãos e pés. Mãos e pés são objetos distintos da consciência que não são identificáveis comigo, nem constituem essencialmente quem eu sou. Quem eu sou é constituído de algo fundamental e essencialmente diferente. Eu sou uma mente ou uma alma, pois eu poderia perder meus pés e mãos e ainda assim permaneceria a mesma pessoa. De fato, eu poderia perder várias partes do meu corpo e permanecer a mesma pessoa. Levando isso em consideração, juntamente com o fato de que não há nenhum objeto físico com o qual eu me identifique, tenho razões para considerar a possibilidade de que eu seja algo diferente do meu corpo.²²

Discordo de Farris. A perda das mãos e dos pés, para usar seus exemplos, alteraria profundamente a pessoa que eu era antes da perda. Artistas mulheres famosas como Frida Kahlo (1907-1954) e Georgia O'Keeffe (1887-1986) teriam sido pintoras significativamente diferentes, com histórias de vida, carreiras e influências significativamente diferentes, se tivessem perdido as mãos. Jogadores de hóquei famosos como Jacques Plante (1929-1986) e Gordie Howe (1928-2016) teriam sido jogadores de hóquei significativamente diferentes, com histórias de vida, carreiras e influências significativamente diferentes, se tivessem perdido os pés. Claro, concordo que, numericamente, os quatro teriam permanecido

sustentação divina) durante o estado intermediário. Em outro sentido, no estado intermediário, a alma não é/não se torna a pessoa. Isso não significa negar a ideia de uma identidade central ou fundamental que seja o coração, a alma ou o espírito de uma pessoa, desde que se mantenha que o sujeito atuante é a própria pessoa e não alguma característica essencial — a alma ou o espírito — que age por ou em lugar da própria pessoa.

²¹ Farris, Introdução à Antropologia Teológica , 21.

²² Farris, Introdução à Antropologia Teológica , 22.

idênticos às pessoas que eram antes da perda; teriam sido as mesmas pessoas. Mas em todas as métricas usadas para avaliar o florescimento pessoal — felicidade, produtividade, trauma, emoções, realizações, engajamento ou isolamento, existência significativa — eles teriam sido pessoas significativamente diferentes.²³

²³ Essas métricas de florescimento humano são compiladas a partir de sites como Flourish Model | Flourishing Metrics e Our Flourishing Measure | The Human Flourishing Program (do Human Flourishing Program do Instituto de Ciências Sociais Quantitativas de Harvard).

Conclusão

Implicações práticas

Destaco duas vantagens práticas da minha visão de “pessoa encarnada” em relação à de Farris. A primeira auxilia na nossa percepção da corporeidade e seu impacto na doença e nas lesões. A afirmação de Farris (citada acima) de que “não há nenhum objeto físico com o qual eu me identifique” é enganosa. É claro que me identifico com meu corpo físico. Posso dizer coloquialmente “meus pulmões têm câncer” ou “meu coração sofreu um ataque”, mas a realidade é “eu tenho câncer” e “eu sofri um ataque cardíaco”. Estamos implicados em nossos corpos, e a visão de “pessoa encarnada” nos ajuda a lidar com as consequências da nossa corporeidade sem localizar o pecado em nossos corpos ou identificar nossos corpos com o pecado, mas reconhecendo que “os defeitos do corpo são contraídos pela humanidade como consequência da queda”.²⁴

Em segundo lugar, minha visão de “pessoa encarnada” aborda o desafio da persistência da identidade que Farris apresenta como um problema para todas as visões materialistas (fiscalistas, fisicalistas não reducionistas) (das quais minha visão de “pessoa encarnada” não é um exemplo): “Intuitivamente, a partir da minha experiência básica do eu, sou algo distinto do meu corpo em virtude das condições persistentes do eu”.²⁵ Para Farris, Este “algo distinto do meu corpo” é

²⁴ 21. Matthew A. Lapine, *A Lógica do Corpo: Recuperando a Psicologia Teológica* (Bellingham, WA: Lexham Press, 2020), 262.

²⁵ Farris, *Introdução à Antropologia Teológica*, 32

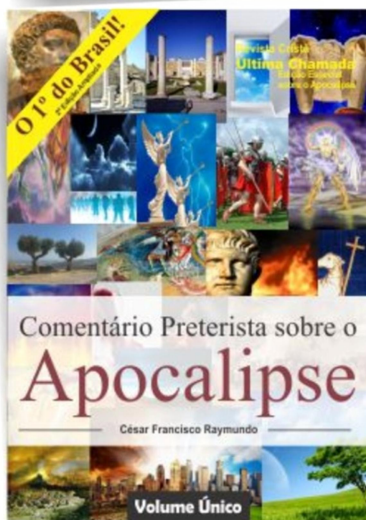
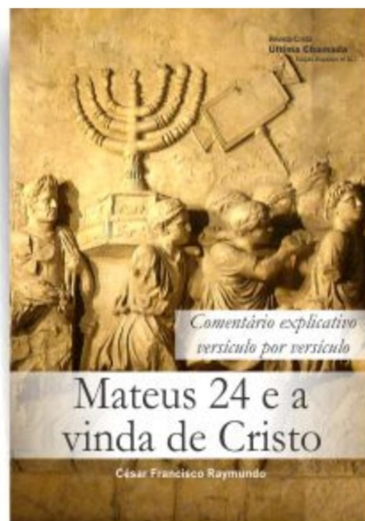
a alma, que ele acredita persistir e, portanto, manter a identidade de cada um. Para mim, este “algo distinto do meu corpo” é a pessoa, que acredito persistir (encarnada nesta existência terrena, desencarnada no estado intermediário e reencarnada após o retorno de Cristo) e, portanto, manter a identidade de cada um. Afinal, “eu sou o meu corpo”. Como afirma Federica Mathewes-Green, “A impressão inicial de que nos mantemos criticamente separados dos nossos corpos foi o nosso primeiro erro. Não somos meros passageiros a passear em carros de corrida justos; nós somos os nossos corpos. Eles nos encarnam”.²⁶

²⁶ Federica Mathewes-Green, “O assunto eram os narizes: o que acontece quando os acadêmicos descobrem que temos corpos”, *Livros e Cultura* (janeiro/fevereiro de 1997): 14-16.

Obras importantes para pesquisa

Faça download de nossos outros títulos em

www.revistacrista.org



Revista Cristã
Última Chamada

O livro mais
Amargo
da Bíblia dá suporte a



Esperança Pós-milenista?

César Francisco Raymundo

KENNETH L. GENTRY JR.

PÓS-MILENARISMO PARA LEIGOS

VOCÊ PODE ENTENDER
A PROFECIA BÍBLICA



Refutando o Amilenismo Dispensacionalismo Pré-milenismo Clássico

Jay Rogers

César Francisco Raymundo

revista cristã
última chamada

E se Deus
não tivesse nascido
de mulher?